



SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA XXVIII SIC

paz no plural



Evento	Salão UFRGS 2016: SIC - XXVIII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2016
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Os Novos Arquivistas e a busca do sensível
Autor	VICTÓRIA KNIEST
Orientador	TANIA MARA GALLI FONSECA

Título: Os Novos Arquivistas e a busca do sensível

Nome do autor: Victória Kniest

Orientadora: Prof^a Dr^a Tania Mara Galli Fonseca

Instituição de origem: Estudante de Psicologia da UFCSPA e Bolsista Voluntária pelo PPGPSI/UFRGS

O Acervo da Oficina de Criatividade é um espaço institucional marcado por relações vetoriais heterogêneas que – ligado ao grande e velho manicômio Hospital Psiquiátrico São Pedro – responsabiliza-se, desde 2001, pela catalogação e tombamento de todas as obras que são produzidas nesse território. Nessa perspectiva, este resumo tem como objetivo compartilhar o trabalho realizado no Acervo da Oficina de Criatividade do HPSP, em Porto Alegre, vinculado à pesquisa “Potência clínica das memórias da loucura”.

Marcados pela sensibilidade cartográfica, os sujeitos que ali se encontram operam com saturações e rupturas das “formações do desejo no campo social” (Rolnik, 1989, p. 66), ou seja, são os novos arquivistas de Foucault, a partir de Deleuze (1986), que antropofagizam os sentidos dados à loucura e o estatuto das obras produzidas. Fala-se aqui da vida de sujeitos infames que ao entrarem no regime manicomial restam-lhe somente enunciados da loucura institucionalizada – o viés da psiquiatria hegemônica sobre seus corpos insiste em produzir-lhes o nada, são amarras de um território que espera em um tempo passivo e eterno. Os novos arquivistas são antropófagos – são aqueles que comem e regurgitam o senso comum e os discursos que atravessam a (re)produção do outro e do louco. O que significa isso? Esses estão aplicados num novo tempo, são filhos do sensível, emprestam seus corpos e poderes em nome da arte: somente pela via ética, estética e política que possibilita o cuidado com o método de catalogação e o cumprimento de transformar memória em resistência na tentativa paradoxal de nunca mais esquecer os tempos de barbárie em nome da ciência e da razão.

O processo de catalogação é composto pela linha sensível do olhar do arquivista-cartógrafo que doa seu corpo ao contato material da obra e aos signos enigmáticos ao mais longínquo que os símbolos possam atingir; é ainda caracterizado pelo permanente estudo de filosofia, psicologia e literatura que permite a bricolagem de saberes e um novo modo de colocar-se no território; contudo, o caráter maquínico da repetição dos braços e dos protocolos que necessitam seguir é também característica do método de tombamento, processo esse que permite a criação de agenciadores de multiplicidades, isto é, a possibilidade de criar uma arqueologia crítica e dialética em nosso tempo (Didi-Huberman, 2012). As imagens de Natália¹ tocam os arquivistas com uma mão invisível que os faz entrar num tempo “inimaginável da realidade passada” (Didi-Huberman, 2011, p. 112), na fusão do tempo-espaço – o jogo do perto e do longínquo, do passado e do presente. A repetição de imagens que são produzidas revela o diferente do mesmo, olhar a repetição como processo de busca de uma lacuna que jamais será passível da representação da verdade do sintoma e da história.

Os novos arquivistas operam na tentativa de criar linhas de fuga na renúncia do desejo pela verdade, arriscando a partir da imaginação a montagem de um conto que não conta nada – A Cidade de Natália². Busca-se, então, compor com a interação de imagens tão expressivas que são produzidas pela artista, no experimento arqueológico de fazer arder as imagens, refletindo seu caráter dialético e aurático para esses sujeitos tocados pelo sensível.

¹ Natália – Artista residente e institucionalizada no território do HPSP. Atualmente o trabalho dos arquivistas se volta para a obra expressiva da artista que guarda um acervo de mais de 6.000 obras e ainda produz.

² Conto produzido para um artigo que será publicado. O conto que é produzido para não contar a verdade, para conter o desejo de história. Conto que conta nada, conta só a experiência sentida pelos corpos a partir do contato com as obras.

Referências

- DELEUZE, Gilles. Foucault. Editora Brasiliense. São Paulo. 2005, p. 13 – 32.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Cascas. Revista Serrote. Nº 13, 2012, p. 99 – 133.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. O que nos vê, o que nos olha. São Paulo: Ed 34, 1998. Coleção TRANS.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. Pós: Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 204 - 219, nov. 2012
- ROLNIK, Sueli. Cartografia Sentimental – Transformações contemporâneas do desejo. Editora Clube do Livro. São Paulo. 1989, p. 66.